

ANTOINE LAURAIN

A caderneta vermelha

TRADUÇÃO

Joana Angélica d'Avila Melo

ALFAGUARA



Copyright © 2014 by Flammarion, Paris

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

La Femme au carnet rouge

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Laurain, Antoine

A caderneta vermelha / Antoine Laurain ; tradução
Joana Angélica d'Ávila Melo. – 1ª ed. – Rio de Janeiro

: Alfaguara, 2016.

Título original: La Femme au carnet rouge.

ISBN 978-85-5652-013-5

1. Ficção francesa. I. Título.

16-01861

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura francesa 843

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

*Só mesmo o sublime
pode nos ajudar no trivial da vida.*

ALAIN FOURNIER

O táxi a deixou na esquina do bulevar. Ela só precisaria caminhar cinquenta metros para chegar em casa. A rua era iluminada pelos lâmpioes que coloriam as fachadas com um reflexo laranja, mas ainda assim, como sempre lhe acontecia tarde da noite, ela ficou apreensiva. Olhou para trás e não viu ninguém. A luz do hotel, ali em frente, inundava a calçada entre os dois arbustos plantados em vasos que delimitavam a entrada do hotel três estrelas. Ela parou diante do seu prédio, abriu o zíper do meio da bolsa para pegar o chaveiro com o controle remoto, e depois tudo aconteceu muito depressa. Uma mão segurou a alça, uma mão surgida do nada e pertencente a um homem moreno, vestido com uma jaqueta de couro. O medo levou apenas um segundo para atravessar todas as suas veias e subir até o coração, para ali explodir numa chuva gelada. Por reflexo, ela se agarrou à bolsa, o homem puxou e, encontrando resistência, pousou a palma da mão sobre o rosto dela e empurrou a cabeça contra o metal da porta. O choque a fez cambalear, ela viu a rua se iluminar com micropartículas cintilantes, como vaga-lumes em suspensão, sentiu um aperto no peito e seus dedos soltaram a bolsa. O homem sorriu, a alça desenhou um círculo no ar e ele fugiu. Ela permaneceu encostada à porta, enquanto acompanhava com os olhos a silhueta que desaparecia pela noite. O oxigênio penetrava seus pulmões a intervalos regulares, a garganta ardia e a saliva faltava — a garrafa de água estava na bolsa. Ela estendeu um dedo para o painel eletrônico, teclou o código, empurrou suavemente a porta com as costas e deslizou para dentro.

Com a porta de vidro e ferro preto servindo de barreira de segurança contra o mundo, ela sentou devagarinho nos degraus de mármore da entrada e fechou os olhos, enquanto esperava que seu

cérebro se acalmasse e voltasse a funcionar normalmente. À maneira do apagamento progressivo das normas de segurança nos aviões, foram desaparecendo um a um os avisos luminosos: Estou sendo atacada. Vou morrer. Roubaram minha bolsa. Não estou ferida. Estou viva. Ergueu os olhos para as caixas de correspondência, leu seu nome, seu sobrenome e seu andar: quinto, à esquerda. Sem chave, quase às duas horas da manhã, não poderia abrir a porta do quinto, à esquerda. Esse fato muito concreto ganhou forma em sua mente: Não posso entrar em casa e roubaram minha bolsa. Já não está comigo, jamais a verei de novo. Uma parte de si mesma acabava de desaparecer da maneira mais brutal. Olhou ao redor como se a bolsa fosse se materializar, anulando a sequência que acabava de acontecer. Mas não, a bolsa já não estava ali. Estava longe, nas ruas, arrancada, voava no braço do homem que corria, ele iria abri-la e encontrar suas chaves, seus documentos de identidade, suas lembranças. Toda a sua vida. Ela sentiu lágrimas arderem em seus olhos. Medo, desespero e raiva se misturavam ao tremor das mãos, que parecia não querer parar nunca, e a dor na nuca se tornou mais forte. Passou os dedos pelo local, estava sangrando, e, claro, os lenços de papel tinham ficado na bolsa.

Uma e cinquenta e oito da manhã: era inconcebível bater à porta de algum vizinho. Nem mesmo a daquele cara gentil, cujo nome ela não tinha gravado, que se mudara recentemente para o segundo andar e trabalhava com histórias em quadrinhos. O hotel lhe surgiu como a única solução. O sensor de movimento da entrada acabava de desligar e ela procurou, às apalpadelas, o interruptor. Quando a luz voltou, sentiu uma ligeira vertigem e se apoiou na parede. Precisava recuperar a lucidez, pedir para dormir lá uma noite, explicando que morava ali em frente e que pagaria amanhã. Esperava que o recepcionista da noite fosse prestativo, porque não lhe ocorria outra ideia. Abriu a pesada porta do prédio e um tremor a percorreu. Causado não pelo frio da noite, mas por um medo difuso, como se as fachadas tivessem absorvido alguma coisa do acontecido e o homem fosse brotar de uma parede, como por encanto. Laure olhou ao redor. A rua estava deserta. Seguramente, o homem não iria voltar, mas nem sempre a gente domina os próprios medos, e, quase às duas horas da manhã, não é fácil distinguir entre o irracional e o possível. Ela atravessou em direção ao hotel. Teve o reflexo de apertar a bolsa contra o corpo, mas entre o quadril e o antebraço só encontrou o vazio. Entrou na luz sob o toldo do hotel e a porta corrediça se abriu. Um homem grisalho, sentado atrás do balcão da recepção, ergueu os olhos para ela.

Ele concordou. Meio a contragosto, mas, quando Laure fez menção de tirar o relógio de ouro para deixá-lo como garantia, o homem ergueu a mão em sinal de rendição. Aquela jovem desamparada seguramente dizia a verdade, parecia séria, havia pelo menos uns noventa por cento de possibilidade de que no dia seguinte viesse pagar a noite no hotel. Ela preencheu a ficha com nome e sobrenome.

me, além do endereço. A recepção já precisara lidar com problemas de inadimplência bem mais complicados do que uma única noite de hotel para uma mulher que afirmava morar ali em frente havia quinze anos. Era verdade que telefonar aos amigos com quem ela estivera pouco antes seria uma solução, mas o número deles estava no celular. E, desde o advento dos telefones portáteis com suas memórias, Laure só sabia de cor o dela mesma e o do trabalho. Quanto à hipótese de chamar um serralheiro, sugerida pelo recepcionista, essa também não adiantaria nada. Laure havia usado todo seu talão de cheques e demorado a pedir o seguinte, ele só estaria no banco no início da próxima semana. Afora o cartão de débito e os quarenta euros em espécie que se encontravam na bolsa furtada, não dispunha de nenhum meio de pagamento. Era impressionante como, nesse tipo de situação, milhares de detalhes, que uma hora antes eram insignificantes, de repente pareciam se aliar contra a pessoa. Laure acompanhou o recepcionista no elevador, e em seguida no corredor, até o quarto 52, com vista para a rua. Ele acendeu a luz, mostrou rapidamente o banheiro e depois lhe entregou a chave. Ela agradeceu, prometendo mais uma vez retornar no dia seguinte, assim que pudesse, para pagar. O homem exibiu um sorriso benévolo, uma expressão cansada por ouvir essa promessa pela quinta vez: Eu acredito, senhorita, boa noite.

Laure se dirigiu à janela e puxou a cortina: a vista dava para seu andar. Havia deixado acesa a luminária da sala e encostado uma cadeira diante da janela entreaberta para que Belfegor* pudesse olhar para fora. Era muito estranho ver seu apartamento dali. A impressão era quase a de que iria vislumbrar seu próprio vulto atravessando o aposento. Abriu a vidraça. Belfegor, chamou baixinho... Belfegor... emitindo aquele beijinho sincopado que todos os donos de gato sabem produzir. Instantes depois, a silhueta negra pulou sobre a cadeira, e dois olhos amarelos a fitaram com estupefação. Como era possível que sua dona estivesse ali em frente, e não dentro do apartamento? Pois é, isso mesmo, estou aqui... disse ela, erguendo os ombros. Deu um tchauzinho para o gato e resolveu se deitar.

* Na mitologia moabita, demônio da preguiça. (N. T.)

No banheiro, encontrou lenços de papel e, com um pouco de água, limpou o ferimento na cabeça. Ao se inclinar, sentiu nova vertigem. A única notícia boa era que parecia ter parado de sangrar. Pegou uma toalha felpuda, abriu-a em cima do traveseiro e em seguida se despiu. Deitada, não conseguia parar de rever a cena do roubo. O acontecimento que não tinha tomado mais do que alguns segundos, no máximo, agora se estendia como uma sequência em câmara lenta. Mais vagarosa do que as cenas de câmara lenta do cinema, mais longa. As dos documentários científicos, que mostram os bonecos nas batidas de carro reproduzidas em laboratório. Neles vemos o interior do veículo, o para-brisa explodindo como uma poça d'água vertical, as cabeças dos bonecos se projetando devagar para a frente, os air bags se inflando como chicletes de bola, e a lataria se franzindo com delicadeza, como sob o efeito de um calor suave.

Diante do espelho do banheiro, Laurent desistiu de se barbear. O aparelho elétrico, cujo zumbido incrementava todos os seus despertares, ao ser ligado havia emitido um resmungo moribundo antes de parar, cedendo a vez ao silêncio. Em vão ele havia acionado a tecla on-off, batido na grade de proteção, ligado e religado o aparelho na tomada: o Braun 860 de triplas lâminas giratórias entregara a alma. Profundamente contrariado, Laurent não conseguiu decidir jogá-lo no lixo, ao menos naquela hora. Então o colocou piedosamente dentro da cuba em forma de pia de água benta, trazida da Grécia dez anos antes. O barbeador Gillette que vivia largado dentro de uma gaveta tampouco lhe seria de alguma utilidade, pois uma segunda surpresa sobreveio: um estertor sorrateiro se fez ouvir quando ele abriu a torneira da banheira. Nada de água. O corte geral fora anunciado havia uma semana no saguão do prédio, mas ele o esquecer. Laurent se contemplou no espelho. Viu o rosto de um homem mal barbeado, com os cabelos bastante desgrenhados por uma noite passada com a cabeça afundada no traveseiro. A água que restava na chaleira só dava para fazer um café. Ao sair do prédio, ele deu uma olhada para a persiana metálica da loja. Dali a pouco, com uma virada de chave no quadro de energia, abriria o local, depois

cumprimentaria com um aceno de cabeça seu vizinho Jean Martel (Le Temps Perdu, antiguidades — belchior — compra — venda), que estaria sentado a uma mesa na varanda do Jean Bart, diante de um café com creme. Também acenaria com a mão para a mulher do tintureiro (La Blanche Colombe — tinturaria de qualidade), que lhe responderia de detrás da vitrine dela, e em seguida, tendo levantado a persiana, ele daria a olhada ritual para sua própria vitrine, com os “Romances da volta às aulas”, os “Livros de arte” e os “Mais vendidos”, ao lado de “Nossas paixões” e de “Os indispensáveis”. Por volta das dez e meia, Maryse chegaria, seguida por Damien. A equipe estaria completa, o dia começaria, entre abertura das caixas de entregas e as mais diversas informações: “Estou procurando um livro, não sei nem o autor nem o editor, mas o enredo se passa durante a Segunda Guerra Mundial”. Sugestões: “Madame Berthier, este romance é para a senhora, que está procurando algo leve para se distrair neste momento, garanto que a senhora precisa de qualquer jeito conhecer este autor”. Encomendas: “Bom dia, aqui é Le Cahier Rouge, preciso de três exemplares de bolso do *Don Juan* de Molière da coleção Biblio Lycée”. E devoluções: “Bom dia, aqui é Le Cahier Rouge, sou forçado a lhe mandar de volta os quatro exemplares de *Tristesse d’été*,* não estão vendendo e eu preciso renovar meu estoque”. Programação de lançamentos: “Bom dia, aqui é Laurent Letellier de Le Cahier Rouge, pode me informar se seria possível uma noite de autógrafos com o autor de vocês?”.

* “Tristeza de verão”, título de um poema de Stéphane Mallarmé (1842-98). (N. T.)

Quando ele a comprara, a livraria era uma cafeteria moribunda, Le Celtique, mantida por um casal idoso que só esperava isso para poder retornar ao Auvergne e para o qual Laurent foi um benfeitor inesperado. A cafeteria tinha a vantagem de possuir um “apartamento funcional” no andar de cima. Vantagem indiscutível em relação às distâncias, já que as elimina de maneira radical, mas com um lado ruim: a pessoa nunca sai do lugar onde trabalha.

Laurent contornou a pracinha que dava para Le Cahier Rouge e subiu a Rue de la Pentille. Levava na mão *Arcabouço feito de nuvens*, o último romance de Frédéric Pichier. Na semana seguinte, o autor iria fazer uma sessão de autógrafos na livraria, e Laurent pretendia reler, diante de um expresso duplo na varanda de L'Espérance, uma cafeteria que ele costumava frequentar durante suas caminhadas matinais, as anotações que fizera no próprio exemplar. O livro contava o destino de uma jovem camponesa durante a guerra de 1914. Era o quarto romance do autor, que se tornara conhecido com *As lágrimas da areia*, história de um soldado que se apaixonava por uma moça egípcia na época da presença francesa sob Napoleão. Pichier tinha a arte de mesclar os dissabores de seus personagens com os grandes momentos da História. A crítica literária não sabia muito bem como encarar seu caso: ele era apenas um bom narrador ou um escritor de verdade? A questão não estava resolvida. Fosse como fosse, o livro vendia bem, e a sessão de autógrafos certamente faria muito sucesso. Enquanto Laurent avançava pela rua, Maryse lhe enviou um torpedo. Seu trem tinha parado no meio do trajeto e ela talvez se atrasasse. Vá me mantendo informado, Maryse, respondeu ele, antes de dobrar na Rue Vivant Denon. Quando chegou ao número 6, ergueu os olhos para verificar se sua cliente, madame Mer-

lier, abria mesmo as janelas. Grande leitora, a velha senhora, que se parecia espantosamente com a falecida atriz Marguerite Moreno, se levantava ao amanhecer. Um dia dissera a ele: Se eu não tiver aberto as janelas, monsieur Letellier, é porque morri ou estou morrendo. Haviam combinado então que Laurent devia chamar os bombeiros em caso de postigos fechados. Mas tudo ia bem no número 6, os postigos estavam abertos. Aliás, eram quase os únicos — os moradores aproveitavam as manhãs de sábado para acordar tarde, e o bairro estava quase deserto. Ele prosseguiu seu caminho pela Rue du Passe-Musette. A cafeteria L'Espérance ficava lá no final, na esquina com o bulevar e a feirinha de fim de semana. As lixeiras já tinham sido colocadas diante de cada portão de pátio, acompanhadas por algumas peças de mobiliário obsoleto que esperavam o serviço de limpeza urbana. Laurent ultrapassou uma delas, reduziu o passo — a imagem levava alguns segundos para se imprimir em sua mente —, virou-se e retornou.

Sobre a tampa havia uma bolsa feminina. De couro lilás e em muito bom estado. Tinha numerosos compartimentos e zíperes, duas alças largas e outra mais comprida, para usar a tiracolo, e fechos dourados. Por reflexo, Laurent olhou ao redor — o gesto era absurdo, nenhuma mulher iria se materializar de repente para vir recuperar suas coisas. Pela maneira como se mantinha firme, a bolsa não parecia vazia. Se estivesse vazia e rasgada, a proprietária a teria jogado dentro da lixeira, e não em cima da tampa. Aliás, as mulheres jogam fora suas bolsas? Laurent pensou naquela com quem compartilhara sua vida durante doze anos. Não, Claire jamais se desfizera de nenhuma bolsa. Tinha várias e as trocava de acordo com as estações. Tampouco descartava os sapatos; mesmo quando as tirinhas de seus escaupins já estavam destruídas, ela mandava consertá-las no sapateiro. Enfim, mesmo quando este último não podia fazer mais nada pelos escaupins, Laurent jamais tinha visto um par na lixeira da cozinha, em meio às cascas de frutas e legumes. Eles desapareciam misteriosamente. Apesar dessas reflexões que o reconduziam à sua vida de tempos passados, o fato de uma mulher ter se livrado de sua bolsa continuava sendo uma possibilidade. Por outro lado, o fato de essa bolsa em perfeito estado se encontrar isolada em cima de uma

lixeira parecia antes indicar um acontecimento mais inquietante. Um furto, por exemplo. Laurent a levantou. Sim, a bolsa não estava vazia. Ele entreabriu o zíper central, o suficiente para constatar que sem dúvida havia ali vários “objetos pessoais”, como se costuma dizer. Ia começando a espiar o interior quando uma jovem saiu por um portão de pátio, puxando uma mala de rodinhas. Ultrapassou-o e se voltou para ele. Quando o olhar de Laurent cruzou com o da moça, ela se apressou e saiu de modo imperceptível, desaparecendo na curva da rua. No mesmo instante ele percebeu o quanto a situação podia parecer suspeita: um homem sozinho, despenteado e barba por fazer, abrindo uma bolsa de mulher em cima de uma lixeira... Então a fechou depressa. A questão que se apresentava agora era quase de ordem moral: levá-la consigo ou deixá-la ali mesmo? Em algum lugar da cidade, com certeza uma mulher tinha sido roubada e, muito provavelmente, perdera a esperança de rever seus pertences. Eu sou o único a saber onde está a bolsa, pensou Laurent, e, se a deixar aqui, ela será destruída pelos lixeiros ou roubada de novo. Então decidiu: pegou-a e desceu a rua. O comissariado ficava a dez minutos de caminhada. Iria deixá-la com os policiais, preencheria um ou dois formulários e depois se instalaria na cafeteria.

Uma presença singular. Como a de um animal de estimação que alguém deixou aos seus cuidados e que só admite acompanhar você com grande relutância. Laurent segurava a alça tiracolo dourada como se esta fosse a guia de uma coleira, depois de dobrá-la um pouco na mão fechada para evitar que a bolsa balançasse ostensivamente diante de todo mundo. Estava transportando um objeto que não lhe pertencia, que não podia ser pendurado em seu ombro. Outra mulher havia baixado os olhos para a bolsa e depois os erguera para Laurent. À medida que ele avançava pelo bulevar, a sensação de embarço aumentava. Agora lhe parecia que todas as silhuetas pelas quais passava o observavam com o canto do olho e, numa fração de segundo, percebiam o que a imagem tinha de anormal: um homem com uma bolsa de mulher. Lilás, ainda por cima. Ele não imaginava que caminhar com esse acessório fosse tão desagradável. No entanto, recordava que às vezes Claire lhe confiara a bolsa dela enquanto subia de volta ao apartamento para buscar os cigarros ou entrava no toalete de uma cafeteria. Laurent se via então em plena rua com uma bolsa feminina. Sentia, é verdade, uma espécie de desconforto divertido, que não durava nada porque Claire logo reaparecia para recuperar suas coisas. Nesses raros instantes, Laurent via passar mulheres que reconheciam nas mãos dele o atributo de uma de suas semelhantes, mas não lhe parecia perceber desconfiança naqueles olhares, só mesmo um lampejo de ironia. Ele era um homem de pé na rua, esperando sua companheira. Isso era evidente, com tanta certeza quanto se ele exibisse um daqueles cartazes de homem-sanduíche com os dizeres: MINHA MULHER VOLTA JÁ. Um grupo de garotas, secundaristas de jeans e tênis, afastou-se à sua passagem e ele ouviu uma espécie de cacarejo seguido de uma risada coletiva. Seria ele o objeto daquela

hilaridade? Preferia não saber. A suspeita iria substituir a zombaria? Atravessou a pista e decidiu chegar ao comissariado pelas ruazinhas adjacentes.